

1º LUGAR DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *NEW YORK TIMES*

JENNIFER L. ARMENTROUT

# OPALA

SAGA LUX LIVRO 3



ELES VÃO ARRISCAR TUDO!

valentina 

# OPALA

SAGA LUX LIVRO 3





JENNIFER L. ARMENTROUT

# OPALA

SAGA LUX LIVRO 3



  
valentina  
Rio de Janeiro, 2017  
1ª Edição

Copyright © 2012 by Jennifer L. Armentrout  
Publicado mediante contrato com Entangled Publishing, LLC, através da Rights Mix.

TÍTULO ORIGINAL

*Opal*

CAPA

Beatriz Cyrillo

FOTO DE CAPA

Liz Pelletier

FOTO DA AUTORA

Vanessa Applegate

DIAGRAMAÇÃO

Imagem Virtual Editoração

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A76o

Armentrout, Jennifer L.

Opala / Jennifer L. Armentrout; tradução Bruna Hartstein. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

416 p. ; 23 cm. (Lux; 3)

Tradução de: Opal

Sequência de: Onyx

Continua com: Originais

ISBN 978-85-5889-039-7

1. Romance americano. I. Hartstein, Bruna. II. Título. III. Série.

CDD: 813

17-39135

CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA

Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana

Rio de Janeiro – 22041-012

Tel/Fax: (21) 3208-8777

www.editoravalentina.com.br

*Este livro é dedicado à equipe vencedora da Invasão Daemon.  
Garotas, vocês são o máximo!*

*Janalou Cruz*

*Nikki*

*Ria*

*Beth*

*Jessica Baker*

*Beverley*

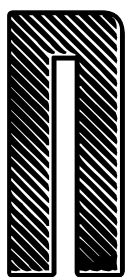
*Jessica Jillings*

*Shaaista G.*

*Paulina Zimnoch*

*Rachel*





ão sei bem o que me acordou. Os uivos do vento da primeira nevasca do ano tinham se acalmado na noite anterior, e meu quarto estava silencioso. Tranquilo. Virei de lado e pisquei.

Deparei-me com olhos fixos em mim. Brilhantes como o orvalho. Eram estranhamente familiares, porém sem a mesma clareza reluzente daqueles que eu amava.

*Dawson.*

Apertando o cobertor de encontro ao peito, sentei devagarinho e afastei uma mecha de cabelos emaranhados do rosto. Talvez eu ainda estivesse dormindo, pois não fazia ideia do motivo que levaria o Dawson, o irmão gêmeo do garoto pelo qual eu me encontrava loucamente — profunda e irremediavelmente — apaixonada, a estar sentado na beira da minha cama.

— Hum, tá... tá tudo bem? — Pigarreei, mas as palavras soaram roucas, como se eu estivesse tentando forçar uma voz sensual e, na minha opinião, fracassando terrivelmente. Mesmo já tendo se passado uma semana, os efeitos dos gritos que eu emitira durante o período em que o dr. Michaels, o namorado psicopata da minha mãe, me mantivera presa naquela jaula no armazém, ainda eram perceptíveis em minha voz.



Dawson baixou os olhos. Suas pestanas escuras e grossas roçaram o topo das maçãs altas e angulosas, em um rosto mais pálido do que o normal. Se eu aprendera alguma coisa era que o gêmeo do Daemon era uma criatura traumatizada.

Olhei de relance para o relógio. Quase seis da manhã.

— Como você entrou aqui?

— Entrando. Sua mãe não está em casa.

Qualquer outra pessoa teria me deixado de cabelo em pé, mas eu não tinha medo do Dawson.

— Ela ficou presa em Winchester por causa da neve.

Ele assentiu com um menear de cabeça.

— Não consegui dormir. Não tenho conseguido dormir.

— Nem um pouco?

— Não. E isso está afetando a Dee e o Daemon. — Ele me encarou como que desejando que eu entendesse o que não conseguia colocar em palavras.

Desde que o Dawson escapara da prisão, os trigêmeos — diabos, *todo mundo* — andava supertenso, esperando que o Departamento de Defesa aparecesse a qualquer momento. Dee continuava tentando processar a morte do namorado e o reaparecimento de seu adorado irmão. Daemon estava dando o melhor de si para oferecer apoio ao Dawson e cuidar de todos eles. E, embora a tropa de choque ainda não tivesse invadido nossas casas, nenhum de nós conseguia relaxar.

Tudo estava tranquilo demais, o que em geral não significava boa coisa.

Às vezes... às vezes sentia como se uma armadilha tivesse sido preparada e nós houvéssemos caído nela direitinho.

— O que você tem feito? — perguntei.

— Caminhado — respondeu ele, olhando através da janela para o mundo lá fora. — Achava que nunca mais veria esse lugar.

Não dava nem para imaginar as coisas terríveis pelas quais o Dawson havia passado e que fora obrigado a fazer. Uma dor profunda invadiu meu peito. Tentei não pensar nisso, porque, quando pensava, imaginava o Daemon na mesma situação, e a simples ideia era insuportável.

Mas o Dawson... Ele precisava se abrir com alguém. Ergui a mão e fechei os dedos em torno da obsidiana do cordão, sentindo seu peso familiar.

— Quer conversar sobre o que aconteceu?

Ele negou com um sacudir de cabeça, as mechas rebeldes encobrindo parcialmente os olhos. Seu cabelo era mais comprido que o do Daemon — mais cacheado. Talvez apenas precisasse de um corte. Os dois eram gêmeos idênticos, embora no momento não se parecessem nem um pouco, mas isso não era só por causa do cabelo.

— Você me lembra ela... a Beth.

Não soube o que responder. Se ele a amasse a metade do que eu amava o Daemon...

— Você sabe que ela está viva. Eu falei com ela.

Seus olhos encontraram os meus. Tristeza e segredos se escondiam nas profundezas daquele olhar.

— Eu sei, mas ela já não é mais a mesma. — Fez uma pausa e abaixou a cabeça. A mesma mecha que sempre pendia na testa do Daemon caiu sobre a dele. — Você... ama o meu irmão?

Meu peito apertou ao escutar a desolação em sua voz, como se ele achasse que jamais voltaria a amar, como se sequer acreditasse mais no amor.

— Amo.

— Sinto muito.

Surpresa com a declaração, larguei o cobertor, que escorregou para meu colo.

— Por que você está dizendo isso?

Dawson ergueu a cabeça e soltou um suspiro cansado. Em seguida, movendo-se mais rápido do que eu imaginava que fosse capaz, seus dedos roçaram minha pele — sobre as leves marcas avermelhadas deixadas pela luta contra as algemas e que circundavam meus pulsos.

Odiava essas marcas, rezava para que um dia desaparecessem por completo. Cada vez que as via, lembrava da dor causada pelo ônix em contato com a minha pele. Já tinha sido difícil o bastante explicar para minha mãe a tenebrosa rouquidão, para não falar no súbito reaparecimento do Dawson. A cara dela ao ver o Daemon e ele juntos, um pouco antes da nevasca, tinha sido quase cômica, embora ela tivesse ficado feliz pelo “irmão pródigo” ter retornado ao lar. Mas as marcas eu precisava esconder sob camisetas de mangas compridas, o que funcionaria bem nos meses de inverno. No entanto, não fazia ideia de como iria disfarçá-las quando o verão chegasse.

— Toda vez que eu via a Beth, ela estava com marcas assim — falou Dawson baixinho, afastando a mão. — Ela vivia dando um jeito de fugir, mas eles sempre a recapturavam, e ela acabava com marcas desse tipo. Em geral, em volta do pescoço também.

Engoli em seco, tentando controlar a súbita náusea. Em volta do pescoço? Não podia nem...

— Você... você a via com frequência? — Eu sabia que eles haviam tido pelo menos um encontro durante o tempo em que ficaram presos com o DOD.

— Não sei. Era difícil manter uma noção de tempo. No começo, tentava acompanhá-lo usando os humanos que eles traziam para mim. Eu os curava e, em geral, se... sobrevivessem, podia contar os dias até tudo começar a ir por água abaixo. Quatro dias. — Ele fixou novamente o olhar na janela. Através das cortinas abertas, tudo o que eu conseguia ver era o céu escuro e os galhos cobertos de neve. — Eles ficavam putos quando as coisas iam por água abaixo.

Eu podia imaginar. O DOD — ou Daedalus, um suposto braço do próprio DOD — tinha como principal objetivo usar os Luxen para transformar humanos. Às vezes dava certo.

Às vezes, não.

Enquanto o observava, tentei me lembrar do que o Daemon e a Dee tinham dito a respeito dele. Dawson era o irmão sociável, divertido e charmoso — uma versão masculina da Dee, nada semelhante ao Daemon.

Mas este Dawson não era assim, era quieto e distante. Até onde eu sabia, além de não conversar com o irmão, ele não tinha falado com ninguém sobre o que passara nas mãos do governo. Matthew, o guardião extraoficial deles, achava melhor não insistir.

Ele nem sequer contara a alguém como havia escapado. Eu desconfiava de que o dr. Michaels — aquele rato mentiroso filho da puta — tinha armado pra cima da gente, nos enviando numa busca inútil só para ter tempo de escapar e, então, havia “libertado” o Dawson. Era a única coisa que fazia sentido.

Minha outra suspeita era muito mais sombria e nefasta.

Dawson baixou os olhos para as mãos.

— Meu irmão... ele também te ama?

Pisquei, subitamente de volta ao presente.

— Sim. Acho que sim.

— Ele nunca te falou?

Não com tantas palavras.

— Ele não *disse assim*, com todas as letras. Mas acho que sim.

— Pois devia. Todos os dias. — Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. — Fazia tanto tempo que eu não via neve — completou, num tom quase melancólico.

Bocejando, olhei na direção da janela. A tempestade prevista pela meteorologia havia atingido nosso pequeno cantinho do mundo e feito o Condado de Grant de refém por todo o fim de semana. As aulas de segunda e de hoje tinham sido canceladas e, segundo o noticiário da véspera, levariam o restante da semana para desobstruir todas as estradas. A nevasca não poderia ter vindo em melhor hora. Pelo menos tínhamos uma semana inteira para descobrir o que diabos íamos fazer com o Dawson.

Ele não podia simplesmente reaparecer na escola.

— Nunca tinha visto nevar desse jeito — comentei. Eu era do norte da Flórida e já tinha passado por umas duas geadas antes, mas nunca vira tanta neve fofa.

Um ligeiro e triste sorriso repuxou-lhe os lábios.

— Vai ficar lindo quando o sol nascer. Você vai ver.

Sem dúvida. Tudo coberto de branco.

Dawson deu um pulo e, de repente, estava do outro lado do quarto. Um segundo depois, senti um arrepio quente na nuca e meu coração acelerou. Ele desviou os olhos.

— Meu irmão está chegando.

Daemon surgiu na porta menos de dez segundos depois, com os cabelos desgrenhados pelo sono e a calça do pijama amarrotada. Sem camisa. Três palmos de neve lá fora e ele continuava seminu.

Quase revirei os olhos, mas isso implicaria desviá-los daquele peito... daquele abdômen. Ele realmente precisava começar a usar camisetas com mais frequência.

Seu olhar passou do irmão para mim e, em seguida, de volta para o irmão.

— Uma festa do pijama? E eu não fui convidado?

Dawson passou por ele em silêncio e desapareceu no corredor. Alguns segundos depois, escutei a porta da frente bater.

— Certo. — Suspirou Daemon. — Essa tem sido a minha vida nos últimos dois dias.

Senti o coração apertar por ele.

— Sinto muito.

Ele se aproximou da cama, a cabeça inclinada ligeiramente de lado.

— Será que devo perguntar o que o meu irmão estava fazendo no seu quarto?

— Ele não conseguiu pegar no sono. — Observei-o se curvar e puxar as cobertas. Sem me dar conta, tinha me coberto de novo. Ele deu outro puxão e eu as soltei sem discutir. — Dawson disse que isso está incomodando vocês.

Daemon se meteu debaixo das cobertas e deitou de lado, de frente para mim.

— Ele não está incomodando a gente.

A cama era pequena demais para nós dois. Sete meses atrás — diabos, quatro meses atrás —, eu teria feito xixi nas calças de tanto rir se alguém dissesse que o garoto mais gostoso e *temperamental* da escola estaria deitado na minha cama. Mas muita coisa havia mudado. Sete meses atrás eu não acreditava em alienígenas.

— Eu sei — retruquei, me ajeitando de lado também. Meu olhar passeou pelas maçãs do rosto altas, o lábio inferior cheio e aqueles olhos extraordinariamente verdes. Daemon era lindo, porém espinhoso como uma flor-de-maio. Tínhamos percorrido um longo caminho até chegarmos ao ponto de conseguirmos dividir um quarto sem que nenhum dos dois tivesse vontade de cometer assassinato a sangue-frio. Ele tivera que provar que seu sentimento por mim era real e... finalmente conseguira. Ao nos conhecermos, Daemon não tinha sido muito bacana, e fora obrigado a me compensar por isso. Minha mãe não havia criado uma filha submissa. — Ele disse que eu o faço lembrar a Beth.

Daemon cerrou as sobrancelhas. Revirei os olhos.

— Não do jeito que você está pensando.

— Honestamente, por mais que eu ame meu irmão, não sei bem como me sinto em encontrá-lo no seu quarto. — Estendeu um dos braços



musculosos e, com as pontas dos dedos afastou algumas mechas de cabelo do meu rosto, prendendo-as atrás da minha orelha. O contato me fez estremecer e ele sorriu. — Sinto como se precisasse marcar meu território.

— Ah, cala a boca.

— Adoro quando você fica assim, toda mandona. É sexy.

— Você é incorrigível.

Ele se aproximou ligeiramente e pressionou a coxa contra a minha.

— Estou feliz pela sua mãe ter ficado presa no hospital.

Arqueei uma sobrancelha.

— Por quê?

Daemon fez um gesto semelhante a um dar de ombros, porém com um ombro só.

— Duvido que ela fosse gostar de me ver na sua cama.

— Eu também.

Ele novamente mudou de posição e nossos corpos ficaram separados por menos de um centímetro. O calor que irradiava me envolveu por completo.

— Ela falou alguma coisa sobre o Will?

Meu sangue gelou. De volta à realidade — uma realidade assustadora e imprevisível onde nada era o que parecia. Como, por exemplo, o dr. Michaels.

— A mesma coisa que disse na semana passada, que ele viajou para uma conferência e que depois ia visitar a família, mas sabemos que é mentira.

— Ele obviamente planejou tudo para que ninguém questionasse sua ausência.

E Will precisava desaparecer, porque se a mutação funcionasse em qualquer nível, ele precisaria de um tempo para si.

— Você acha que ele vai voltar?

Daemon correu os nós dos dedos pelo meu rosto e disse:

— Seria loucura.

*Na verdade, não*, pensei, fechando os olhos. Daemon não queria curá-lo, mas tinha sido forçado. A cura não tinha sido feita com o empenho necessário para transformar um humano em nível celular. Tampouco o ferimento fora fatal, portanto, ou a mutação se tornaria permanente ou se desgastaria com o tempo. E, se isso acontecesse, Will voltaria. Eu podia

apostar. Embora ele tivesse conspirado contra o DOD em benefício próprio, o fato de saber que tinha sido o Daemon quem me curara era uma informação valiosa, algo que forçaria o DOD a recebê-lo de volta. Em suma, ele era um problema — e dos grandes.

Assim sendo, estávamos aguardando... esperando o inevitável.

Abri os olhos e percebi que Daemon não tirara os dele de mim.

— Quanto ao Dawson...

— Não sei o que fazer — admitiu ele, roçando os nós dos dedos pelo meu pescoço e, em seguida, pelo volume dos seios. Minha respiração ficou presa na garganta. — Ele se recusa a conversar comigo, e mal fala com a Dee. Passa quase todo o tempo trancafiado no quarto ou perambulando pela mata. Eu sempre o sigo, e ele sabe. — A mão escorregou para o meu quadril e ficou ali. — Mas ele...

— Ele precisa de tempo, ok? — Plantei um beijo na ponta do nariz dele e me afastei. — Dawson passou por muita coisa, Daemon.

Seus dedos me apertaram um pouco mais.

— Eu sei. De qualquer forma... — Daemon se moveu tão rápido que não me dei conta do que ele estava fazendo até me ver com as costas coladas no colchão e ele pairando acima de mim, as mãos apoiadas uma de cada lado do meu rosto. — Tenho sido relapso com minhas obrigações.

E, com isso, tudo o que estava acontecendo, todas as nossas preocupações, medos e perguntas não respondidas simplesmente evaporaram. Daemon produzia esse tipo de efeito em mim. Fitei-o, com dificuldade de respirar. Não estava cem por cento certa de que “obrigações” eram essas, mas tinha uma imaginação bastante fértil.

— Não temos passado muito tempo juntos. — Pressionou os lábios na minha têmpora direita e, em seguida, na esquerda. — O que não significa que não tenho pensado em você.

Meu coração veio parar na garganta.

— Sei que você anda ocupado.

— Sabe? — Seus lábios pairaram acima do arco da minha sobrancelha. Ao me ver assentir, ele mudou de posição, apoiando a maior parte do peso num dos cotovelos. Com a mão livre, segurou meu queixo e inclinou minha cabeça para trás. Seus olhos perscrutaram os meus. — Como você está lidando com tudo isso?

Recorrendo até o último grama de autocontrole, me concentrei no que ele estava dizendo.

— Lidando. Não precisa se preocupar comigo.

Ele não pareceu muito convencido.

— Sua voz...

Eu me encolhi e pigarreei de novo, o que não adiantou nada.

— Já tá bem melhor.

Os olhos escureceram e ele correu a ponta do polegar pela minha mandíbula.

— Ainda não o bastante, mas estou começando a gostar dela assim.

Sorri.

— Jura?

Ele fez que sim e pressionou os lábios nos meus. O beijo foi doce e suave, e me deixou toda arrepiada.

— É sexy. — Sua boca colou novamente na minha, num beijo mais profundo e demorado. — Essa rouquidão, quero dizer, mas gostaria...

— Não. — Envolvei o rosto dele em minhas mãos. — Eu estou bem. Temos coisas suficientes com as quais nos preocupar além das minhas cordas vocais. No grande esquema das coisas, elas estão lá embaixo na lista de prioridades.

Daemon arqueou uma sobrancelha. Uau, eu tinha soado supermadura. Dei uma risadinha ao ver a expressão dele, arruinando minha recém-descoberta maturidade.

— Senti sua falta — admiti.

— Eu sei. Você não consegue viver sem mim.

— Eu não iria tão longe.

— Admita.

— Lá vem você de novo. Esse seu ego sempre atrapalhando tudo — impliquei.

Seus lábios se fecharam em torno do meu maxilar.

— Atrapalhando o quê?

— O pacote perfeito.

Ele bufou.

— Deixa eu te dizer uma coisa. Tenho um perfeito...

— Não seja nojento. — Estremeci, mesmo contra a vontade, porque não havia nada menos do que perfeito no modo como ele beijava a curva do meu pescoço.

Eu nunca diria isso para ele, mas tirando seu... lado *espinhoso* que teimava em dar as caras de tempos em tempos, Daemon era o homem mais próximo de perfeito que eu já conheci.

Com aquela risadinha presunçosa que tanto me irritava, ele desceu a mão pelo meu braço e a deslizou pela cintura até pegar minha coxa, enganchando-a em torno do seu quadril.

— Você tem uma mente muito suja. Eu ia dizer que sou perfeito em todos os quesitos importantes.

Rindo, envolvi-o pelo pescoço.

— Claro que sim. E totalmente inocente.

— Ah, nunca disse que era *tão* legal assim. — Colou a parte inferior do corpo contra o meu, fazendo-me ofegar. — Eu sou mais...

— Safado? — Pressionei o rosto contra o pescoço dele e inspirei fundo. Daemon tinha um perfume de natureza, um misto de folhas frescas e especiarias. — Eu sei, mas por baixo de toda essa safadeza existe um cara legal. É por isso que eu te amo.

Daemon estremeceu e, em seguida, congelou. Seu coração pareceu pular uma batida e ele rolou de lado, me abraçando com força. Tão apertado que precisei me contorcer um pouco para levantar a cabeça.

— Daemon?!?

— Está tudo bem — disse numa voz grossa, dando um beijo em minha testa. — Eu estou bem. Mas... ainda é cedo. Não temos aula nem corre-mos o risco da sua mãe aparecer gritando seu nome completo. Podemos fingir por um tempo que nossa vida não é uma loucura e dormir até tarde, como dois adolescentes normais.

Como dois adolescentes normais.

— Gosto do som disso.

— Eu também.

— Eu mais ainda — murmurei, aconchegando-me a ele até nos tornarmos praticamente um. Podia sentir seu coração batendo no mesmo ritmo que o meu. Perfeito. Era disso que precisávamos... momentos tranquilos de normalidade. Sem mais ninguém, somente ele e eu...

A janela que dava para o jardim da frente explodiu com o impacto de algo grande e branco, lançando uma chuva de cacos de vidro e flocos de neve no chão.

Soltei um grito de susto enquanto o Daemon rolava e se levantava num pulo, assumindo imediatamente sua forma verdadeira, um ser de luz que brilhava com tanta intensidade que não era possível olhar para ele por mais do que alguns preciosos segundos.

*Putá merda*, murmurou sua voz em meu cérebro.

Vendo que ele não tinha partido como um Rambo para cima de ninguém, coloquei-me de joelhos e dei uma espiada pela beirada da cama.

— Puta merda! — gritei.

Nosso precioso momento de normalidade terminou com um corpo estirado no chão do meu quarto.